

Fala do Presidente do CEI na SIPAAT 2025

Cuidar de Quem Cuida: A Segurança que Brota da Coerência

"Boa tarde a todos, todas e todes!

Chegamos ao nosso último dia da SIPAAT, e eu quero começar expressando minha profunda gratidão. Gratidão à nossa CIPAA, que trabalhou incansavelmente para que esta semana acontecesse. Gratidão a cada palestrante que compartilhou seu conhecimento. E, principalmente, minha imensa gratidão a cada um de vocês, que parou sua rotina, abriu a mente e o coração para discutir temas tão vitais: ergonomia, assédio, segurança do trabalho.

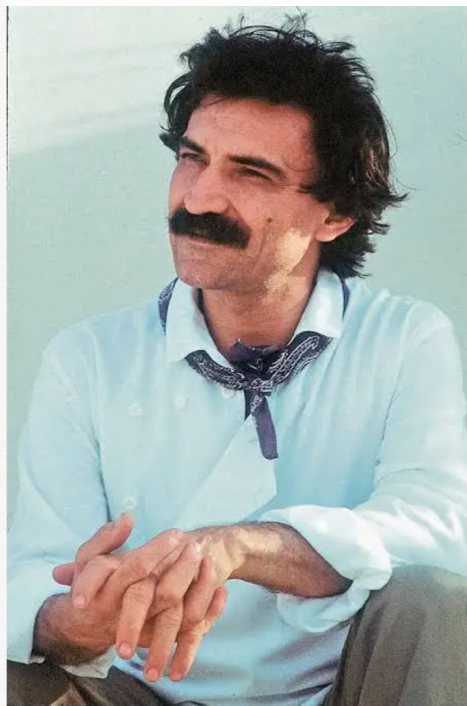
Uma semana como esta é um turbilhão. Aprendemos sobre a postura correta na cadeira, mas também sobre a postura correta diante de uma injustiça. Discutimos os limites de carga que nosso corpo aguenta, mas também os limites de pressão que nossa mente suporta. Falamos sobre equipamentos de proteção individual, mas o que nos protege da indiferença, do esgotamento, da perda de sentido?

Hoje, neste nosso encontro de encerramento, eu não quero apenas falar de regras. Quero falar do espírito por trás delas. Quero falar da alma do nosso trabalho. Quero propor um mergulho para além das normas e dos procedimentos. Quero convidar vocês para uma conversa sobre o alicerce de tudo isso: a nossa coerência. A coerência entre o que a gente fala e o que a gente faz. Entre a missão do CEI Campinas e a nossa prática diária, aqui dentro.

E para começar essa conversa, quero emprestar a sabedoria de Belchior, que cantava com uma urgência que ainda ecoa:

• • • • •
• • • • •

'Tenho sangrado demais,
tenho chorado pra cachorro /
Ano passado eu morri, mas
esse ano eu não morro!'



Essa teimosia em não morrer, em não se deixar abater pelo que foi, é o que nos move. É sobre essa transformação, essa metamorfose, que o grande Raul Seixas também nos ensinou a preferir:

• • • • •
• • • • •

'Eu prefiro ser essa
metamorfose ambulante / Do
que ter aquela velha opinião
formada sobre tudo.'



É sobre essa metamorfose que eu quero conversar hoje. A metamorfose do CEI, que só é possível através da metamorfose de cada um de nós. A pergunta que vai guiar nossa conversa é simples, mas desafiadora: Como a luta contra as violências estruturais que travamos lá fora se reflete na forma como construímos nossas relações aqui dentro?

A Mudança de Paradigma e Nossas Bases Filosóficas

"Pode parecer estranho, num evento de segurança do trabalho, o presidente começar a falar de filosofia. Muitos de vocês podem pensar: *'Lá vem ele com aqueles papos cabeça, com aqueles livros que ele sempre cita'*. **E eu respondo: sim, lá venho eu. E venho com a convicção de que não existe ferramenta mais prática para o nosso trabalho do que um pensamento crítico e bem fundamentado.**

O que estamos tentando fazer no CEI Campinas, e eu digo 'tentando' porque é uma construção diária, com avanços e recuos, é uma mudança radical de paradigma. É abandonar um modelo de assistência social que, historicamente, foi assistencialista, positivista e, em última instância, apaziguador.

O que isso significa na prática? Significa parar de entregar a cesta básica sem discutir soberania alimentar. Significa parar de oferecer um banho, sem discutir o direito à qualidade de vida digna, um benefício de transferência de renda sem questionar as barreiras estruturais que impedem o acesso ao trabalho ou uma aposentadoria digna. O modelo apaziguador é aquele que acalma a fome de hoje, mas não fortalece para a luta de amanhã. Ele gera dependência, não autonomia. Ele olha para a pessoa como um 'problema a ser resolvido', não como um 'sujeito de direitos e de potência'.

Nossa aposta é outra. É um caminho que exige dedicação, estudo e um compromisso profundo de cada um de nós. É uma proposta ético-política que nos convoca a sermos agentes de transformação social de verdade. E isso começa aqui dentro. **E quando falo disso, não falo de algo vazio, de uma utopia sem sentido. Assim como não são vazias as referências que nomeiam as salas desta instituição ou os livros que compartilhamos. Eles são nosso alicerce.**

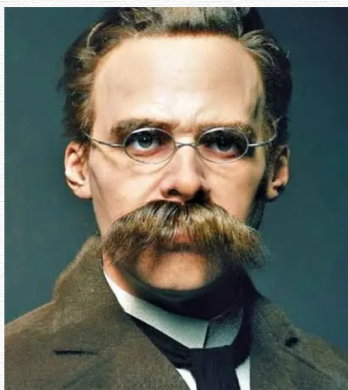
Permitam-me aprofundar. Eu realmente acredito que é antiético trabalhar na proteção social especial sem ter tido um encontro profundo com

Friedrich Nietzsche. Por quê? Porque Nietzsche nos alerta sobre a '**moralidade de rebanho**' e a '**compaixão que enfraquece**'. Ele nos força a perguntar: a nossa ajuda está fortalecendo a potência de vida do outro? Ou estamos, com uma compaixão mal direcionada, perpetuando um ciclo de vitimização? O alerta de Nietzsche é um antídoto poderoso contra o complexo de salvador que tantas vezes assombra nossa área.

Da mesma forma, como podemos lutar contra as violências do dia a dia sem a lente de Hannah Arendt e sua noção do 'mal banalizado'? O mal, ela nos mostrou, não é praticado apenas por monstros sádicos. Ele é praticado por funcionários que 'apenas cumprem protocolos', por pessoas que param de pensar e se refugiam na burocracia. Quando negamos um direito porque 'o sistema não permite', quando deixamos de olhar nos olhos de quem atendemos, não estamos flertando com essa banalidade do mal? Arendt nos convoca a uma responsabilidade pessoal intransferível por cada um de nossos atos.

E para amarrar tudo isso, vem Edgar Morin e seu pensamento complexo. Ele nos ensina que a realidade não é simples, não é linear. **Tentar entender a violência que uma criança sofre olhando apenas para a dinâmica familiar é uma mutilação do pensamento.** Precisamos olhar para o bairro, para a cidade, para a política econômica, para a história. A visão complexa nos vacina contra as soluções fáceis e os diagnósticos apressados.

Nossos Pensadores



Esses pensadores não são um luxo intelectual. Eles são ferramentas. São como o oftalmologista que limpa as lentes dos nossos óculos, nos permitindo enxergar o mundo com mais crítica e profundidade. Eles nos ensinam a fazer perguntas melhores, e esse é o primeiro passo para uma intervenção que realmente transforma. É o que nos permite, como canta o mestre Gonzaguinha:

'Viver! E não ter a vergonha de ser feliz / Cantar e cantar e cantar / A beleza de ser um eterno aprendiz... Eu sei que a vida devia ser bem melhor e será / Mas isso não impede que eu repita / É bonita, é bonita e é bonita!'

A beleza do nosso trabalho está justamente em nunca saber tudo, em estar sempre aberto a aprender com o outro.

A Arte como Direito, Ferramenta e Inspiração

"Mas o pensamento, por mais crítico que seja, pode se tornar árido se não for irrigado pela sensibilidade. E a fonte mais perene de sensibilidade que a humanidade produziu é a arte. A arte que nos humaniza, que nos conecta com o outro.

Por isso, eu digo e repito: é impossível fazer nosso trabalho sem a arte. É impossível não se deixar atravessar pela força de

Carolina Maria de Jesus. Permitam-me ler um trecho minúsculo de seu 'Quarto de Despejo':

'Eu catava papel, mas não gostava. Então eu pensei: vou fingir que estou sonhando.'

Essa frase resume tudo. A capacidade de, na miséria mais absoluta, encontrar no sonho, na escrita, uma estratégia de sobrevivência, uma afirmação de dignidade. Carolina nos ensinou sobre a fome de beleza, de palavra, de existência.

E o que dizer de **Conceição Evaristo** e sua 'escrevivência'? Ela nos ensina que a história do nosso povo está nos corpos, nas memórias, nas vozes das nossas avós. 'Escrever' é tecer a vida e a escrita num fio só. É um ato político que diz: 'Nossas vidas importam, nossas histórias merecem ser contadas'.

E a resiliência nos leva diretamente a **Frida Kahlo**. Ela transformou sua dor em cor,

em vida, em arte que pulsa e nos confronta. Frida pintou suas feridas, não para se vitimizar, mas para dizer: 'Eu estou aqui, sou isto, e sou muito mais do que a minha dor'. Ela nos inspira, pela arte, a lutar e a ver a potência que pode surgir da fratura.

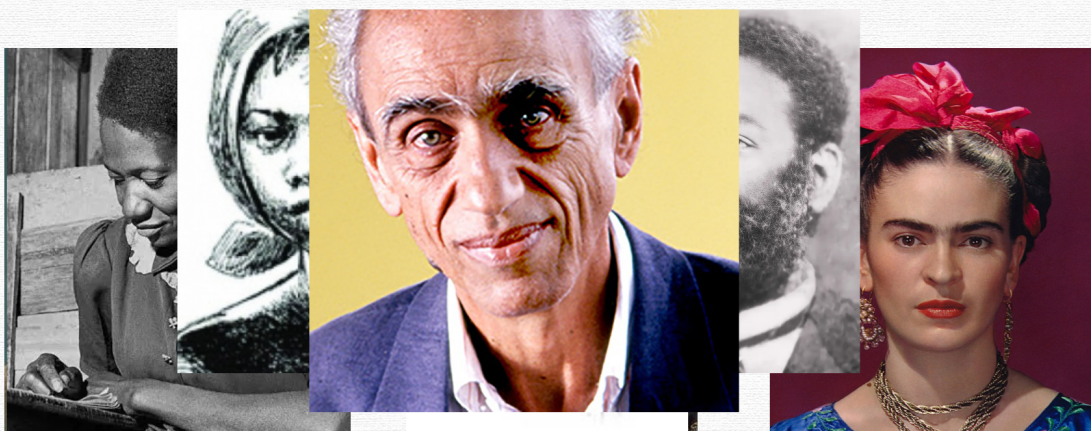
A arte, portanto, não é um enfeite. É um direito humano inalienável, e é nossa obrigação lutar para que as populações que atendemos tenham acesso a ela.

Essa luta por dignidade vem de longe. E não podemos seguir em frente sem reverenciar quem abriu a picada na mata por nós. Sem a coragem de

Dandara dos Palmares, guerreira e estrategista. Sem a genialidade de **Dr. Luiz Gama**, que foi escravizado, se tornou advogado autodidata e usou a própria lei do Império para libertar mais de 500 pessoas. Ele nos ensinou que é preciso conhecer as regras do jogo para poder virar o tabuleiro.

E essa luta continua. Na persistência de **Anne Sullivan**, que nos ensinou uma lição definitiva sobre o capacitismo. E na indignação de **Hebert de Souza**, o Betinho, que transformou o luto pessoal em uma luta coletiva e nos mostrou que a fome é um escândalo político, não uma fatalidade. Essas histórias nos alimentam.

Nossas Inspirações



E para nos dar mais gás, vamos com a força dos Racionais MC's:



Tenho uma alma que não se vende / ... / Acreditar que sonhar sempre é possível / Que o céu é o limite e você, truta, é imbatível!



Conectando Tudo: Segurança, Saúde Mental e o Nosso Compromisso

"Certo. Presidente, que lindo tudo isso. Mas e a minha dor nas costas? E a meta que eu tenho que bater? E o conflito com meu colega de equipe? O que Nietzsche, Frida Kahlo e Luiz Gama têm a ver com a nossa SIPAAT?"

E eu respondo, com toda a seriedade: TUDO.

Porque a grande virada de chave que a atualização da Norma Regulamentadora 01 (NR-01) nos trouxe foi a inclusão dos riscos psicossociais como parte integrante da gestão de segurança e saúde no trabalho. E o que são os riscos psicossociais? São exatamente as consequências de um ambiente de trabalho incoerente. É o *burnout* de tanto se doar e sentir que nada muda. É o assédio moral que floresce onde a comunicação é falha. É a ansiedade, a depressão que vem da sensação de não pertencimento ou de não ver sentido no que se faz.

Entendem a conexão? Um ambiente de trabalho que tolera o racismo, a fofoca, a competição predatória, a falta de diálogo... ele não é apenas desagradável. Pela

nova lei, ele é oficialmente inseguro. Ele é um ambiente que adocece. As violências estruturais que combatemos lá fora não podem, de forma alguma, encontrar abrigo aqui dentro. A nossa luta por direitos começa na nossa própria casa, nas nossas relações de trabalho.

E nisso, com humildade, mas também com orgulho, afirmo que o CEI tem sido pioneiro. Levar a sério a NR-01 no terceiro setor é desbravar um território novo. As formações que fizemos, o trabalho primoroso que a Malu vem desenvolvendo como nossa psicóloga do trabalho, são passos concretos e inovadores nessa direção.

Temos muito a crescer ainda? Sim, claro que temos. Mas também temos muito a comemorar. O caminho que estamos trilhando pode não agradar a todos. Paciência. Pode não estar sendo compreendido por todos. Paciência também. Mas é algo concreto, inovador e que já tem sido reconhecido.

E isso, às vezes, gera desconforto. E aqui preciso tocar num ponto sensível: as denúncias. Elas são legítimas, devem existir e ser respeitadas. Mas precisam vir acompanhadas de responsabilidade. O denunciismo anônimo e irresponsável, que visa destruir e não construir, é a expressão máxima da 'banalidade do mal' de Arendt. É o ato de quem joga a pedra e esconde a mão, minando a confiança e tornando o ambiente psicologicamente inseguro para todos.

Temos uma CIPA forte, temos os círculos, temos a ouvidoria. Nosso desafio é criar um ambiente de tanta segurança psicológica que as pessoas sintam-se seguras para falar abertamente, para construir soluções juntas. A construção de um ambiente seguro é como jardinagem. Não adianta o presidente comprar as melhores sementes se cada um não ajudar a arrancar as ervas daninhas da fofoca, a regar as flores do reconhecimento e a adubar a terra com o diálogo honesto.

Chamado Final, Compromisso e Esperança

"Estamos chegando ao final. E eu espero que tenha ficado claro que, para nós, segurança do trabalho não é um conjunto de regras a serem cumpridas para evitar multas. É a expressão máxima da nossa coerência. É a prova de que o cuidado que pregamos para o mundo, nós praticamos, antes de tudo, dentro de casa.

O compromisso do CEI Campinas com a saúde integral do trabalhador não é porque a lei manda. É porque essa também é a nossa missão. É porque faz sentido. É porque acreditamos que ninguém pode oferecer o cuidado que não tem. Ninguém pode promover a dignidade se não se sente digno. Cuidar de quem cuida não é um slogan. É a premissa para que nosso trabalho lá na ponta

seja potente e transformador.

O caminho é longo. Existem dores, falhas, dias em que a vontade é de desistir. Mas o que estamos construindo aqui é raro, é precioso e é potente.

Eu quero, então, encerrar com um convite e um compromisso. **Meu compromisso, como presidente, é continuar garantindo que tenhamos os espaços e as ferramentas para construir esse lugar seguro e coerente.** O convite que eu faço a cada um de vocês é que assumam a sua parte. Que cada um se pergunte, honestamente, ao final do dia: *'Hoje, minhas atitudes contribuíram para tornar o CEI um lugar mais seguro, mais justo e mais coerente com a nossa missão?'*. Essa responsabilidade é de todos nós.

Quero deixar vocês com a força de um dos maiores poetas da nossa geração, Emicida, que nos lembra da nossa ancestralidade e da nossa força:

• • • • •
• • • • •

Permita que eu fale, não as
minhas cicatrizes /
Elas são coadjuvantes, não,
melhor, figurantes /
Que nem devia tá aqui / ... /
Você é o único representante
do seu sonho na face da terra /
Se isso não te motivar, não sei
o que vai.



Que a gente se motive, todos os dias, a ser representante do nosso sonho coletivo de um mundo mais justo. E que a gente comece, com coragem e com afeto, a construir esse mundo aqui mesmo, entre nós. E que para essa caminhada, a gente nunca esqueça o que nos ensinou o mestre Gilberto Gil:



A nossa fé é na transformação social. E ela começa aqui, agora, em nós.

Muito, muito obrigado por esta semana, pela escuta atenta e pelo trabalho incrível que vocês realizam todos os dias. Vamos em frente, juntos. Obrigado!"